

JOHN LEIGHTON WILSON: O “FUNDADOR” DO PRESBITERIANISMO NO BRASIL

William Lacy Lane¹

RESUMO

A implantação do presbiterianismo no Brasil é normalmente tratada como resultado da iniciativa da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA) com a chegada de Ashbel Green Simonton em 1859 e, dez anos depois, pela iniciativa da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS) com a chegada de Edward Lane e George N. Morton em 1869. No entanto, pouco se diz a respeito de um mesmo homem que estava por trás das duas iniciativas: o Rev. John Leighton Wilson. O objetivo deste artigo é conhecer quem foi John Leighton Wilson, ressaltar a sua contribuição e entusiasmo pela obra missionária, em particular no Brasil, e valorizar a biografia e contribuição de Wilson para as primeiras décadas do presbiterianismo no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Missão; Igreja Presbiteriana do Brasil; História da Igreja

INTRODUÇÃO

Na organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil em 1888, a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS) foi representada pelos Revs. J. Aspinwall Hodge e Charles E. Knox. Em sua saudação e fala aos membros presentes, o Rev. J. A. Hodge expressa sua alegria de estar ali, e explica:

Eu me alegro pessoalmente por ter sido escolhido para realizar este importante ato no meu ministério,

¹ Rev. William L. Lane é doutor em teologia, pastor presbiteriano, professor no Seminário Presbiteriano do Sul e na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

pois foi o primo de meu pai,² o **Rev. J. Leighton Wilson**, D.D., quem **foi o fundador** de nossa igreja brasileira ao persuadir o Rev. A. G. Simonton a ser o primeiro missionário a este país, e quando foi nomeado Secretário do Comitê Executivo para Missões Estrangeiras da Igreja do Sul [PCUS], ele escolheu o Brasil como um dos três campos a serem ocupados e, depois, visitou pessoalmente todos estes lugares; e foi meu companheiro de seminário que começou esta obra, e a cuja memória é colocada uma placa nestas paredes (**The Missionary**, Vol. 21, 1888, p. 414-422. Ênfase nossa).

Posteriormente, o mesmo Rev. J. Aspinwall Hodge escreveu no *The Presbyterian Review* sobre a implantação do protestantismo no Brasil. Referiu-se às primeiras tentativas pelos huguenotes em 1555, a chegada dos holandeses em 1640 no Nordeste, e a missão da Igreja Metodista Episcopal no Rio de Janeiro em 1836, e declarou que,

O **Rev. J. Leighton Wilson**, D. D., foi o **pai** das missões protestantes permanentes no Brasil. Enquanto secretário da Junta Presbiteriana de Missões Estrangeiras, ele chamou a atenção da igreja para esse grande império (Ênfase nossa).

Mas quem foi John Leighton Wilson e por que ele foi chamado de “fundador” da igreja presbiteriana no Brasil e “pai” das missões protestantes permanentes no Brasil? O objetivo deste artigo é responder essa pergunta expondo esquematicamente a biografia de John Leighton Wilson, ressaltar a sua contribuição e entusiasmo pela

² J. Aspinwall Hodge era sobrinho do renomado teólogo de Princeton, Charles Hodge. Seu pai foi o Dr. Hugh Lennox Hodge, Jr. (1796-1873). Não está clara essa relação de “primo” do pai, pois, aparentemente a esposa de J. L. Wilson quem era prima de Charles e Hugh Hodge. (DUBOSE, 1895, p. 16).

obra missionária, em particular no Brasil, e sugerir maior valorização da biografia e contribuição de Wilson como protagonista da obra missionária no Brasil, tendo os pioneiros missionários como importantes coadjuvantes de um belíssimo enredo.

Em geral, sabe-se que a implantação do presbiterianismo no Brasil se deve fundamentalmente à ação da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA, sigla em inglês) com a chegada de Ashbel Green Simonton em 1859. Em decorrência da Guerra Civil Americana, a Igreja Presbiteriana se dividiu e uma nova denominação foi formada no Sul dos EUA em 1861. Essa igreja, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS, sigla em inglês), recém-formada e ainda vivendo as consequências de um país dividido, enviou missionários ao Brasil apenas quatro anos após o fim da guerra. Dez anos depois de Simonton, chegam ao Brasil os missionários da Igreja do Sul e se instalam em Campinas, SP para o início da evangelização na região e a criação de um colégio para atender à população em geral.

Em função disso, a historiografia do presbiterianismo no Brasil, em particular da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), trata, em geral, a chegada e implantação da obra presbiteriana no Brasil de forma independente. Apesar dos registros históricos apontarem para a cooperação entre os dois esforços missionários e até a uma união de presbitérios fundados pelas duas organizações missionárias para a formação do primeiro Sínodo no Brasil em 1888, convencionou-se

tratar a implantação do presbiterianismo como resultado de dois esforços distintos e, às vezes, paralelos.

Essa abordagem é bastante esclarecedora e retrata bem a ação missionária presbiteriana dos pioneiros no Brasil. Entretanto, os fatos que antecederam a implantação do presbiterianismo em solo brasileiro são igualmente pertinentes à historiografia da IPB, fatos que poderiam ser denominados de ‘pré-história’ da IPB ou, conforme denomina Matos, os “primórdios” do presbiterianismo no Brasil.³ Quero dizer com isso, em particular, a contribuição decisiva de um mesmo homem por trás dos dois esforços missionários da igreja norte-americana no Brasil: o Rev. John Leighton Wilson. Apesar de frequentemente citado pelos historiadores por sua importância no envio dos primeiros missionários (cf. ARNOLD, 2012; FERREIRA, 1959; MATOS, 2004; RIBEIRO, 1987), pouco se sabe a respeito dele e do seu influente papel na visão, no envio dos primeiros missionários presbiterianos ao Brasil, tanto os do Norte quanto os do Sul dos EUA, e na formação do primeiro Sínodo da IPB. Os primeiros missionários enviados ao Brasil vieram justamente no período em que Wilson foi um dos secretários da Junta de Missões Estrangeiras da PCUSA e, posteriormente, do Comitê Executivo para Missões Estrangeiras da PCUS.⁴ Por esse motivo foi

³ Matos fala brevemente dos “Primórdios do Presbiterianismo no Brasil” no capítulo inicial de sua obra *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil* em que constata e explica o ambiente da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América na segunda metade do século 19 nos EUA (MATOS, 2004, p. 13).

⁴ Devo aqui fazer um reconhecimento pessoal. Essa investigação é resultado em parte de uma pesquisa que meu pai, Eduardo Lane, neto do pioneiro Edward Lane, e minha mãe, Nelly Bolliger Lane, fizeram no ano 2000 no arquivo histórico da

chamado pelo Rev. J. A. Hodge de “fundador” da igreja presbiteriana no Brasil.

1. JOHN LEIGHTON WILSON: SUA VIDA E MINISTÉRIO

Neste esboço biográfico de John Leighton Wilson (a partir daqui, Wilson), desejo abordar (1) os primeiros anos e a sua formação, (2) o ministério na África e (3) sua atuação como secretário da junta/comissão de missões da PCUSA e PCUS. As principais fontes dessa pesquisa são do seu biógrafo, Hampden C. DuBose (DUBOSE, 1895), um panfleto da junta de missões da PCUS (TAYLOR, 1918), uma obra do próprio Wilson sobre o oeste da África (WILSON, 1856) e diversos números do boletim **The Missionary** da PCUS, entre outros.⁵

1.1 OS PRIMEIROS ANOS E A SUA FORMAÇÃO

John L. Wilson nasceu em 25 de março de 1809 de família de imigrantes presbiterianos escoceses e irlandeses que se estabeleceram em Salem, na Carolina do Sul, nos EUA. Seu pai, William Wilson, era agricultor, e foi um respeitável presbítero na

Igreja Presbiteriana dos EUA em Nova York para escrever sobre seus antepassados. Ele faleceu em 2002 sem terminar essa obra. Minha mãe preservou arquivado e catalogado o material coletado. Depois de sua morte em 2018, minha esposa Jenni Lynn Lane transcreveu todo o material coletado e, nesse processo, chamou a minha atenção para a relação de John Leighton Wilson com o envio dos primeiros missionários ao Brasil. Este artigo é uma tentativa de sintetizar a importante contribuição de J. L. Wilson ao presbiterianismo brasileiro.

⁵ As referências ao **The Missionary** serão pelo volume e ano de publicação e, quando disponível, as páginas.

Igreja Presbiteriana. Apesar de não ter avançado em seus estudos, valorizou e incentivou os filhos a prosseguirem nos estudos. De acordo com o seu biógrafo, John L. Wilson herdou de seu pai as qualidades morais, a piedade, a pureza e singeleza, e de sua mãe, Jane E. James, o intelecto, o bom senso, a energia e as habilidades executivas (DUBOSE, 1895, p. 18).

Sua infância em uma região rural centrada no trabalho, no zelo e disciplina religiosos e na vida social em torno da igreja foi, sem dúvida, determinante para a formação de seu caráter e interesse. A proximidade e relação que a família e a igreja tinham com os trabalhadores afrodescendentes podem ter influenciado sua decisão de ir à África e sua sensibilidade aos problemas da escravidão.

Depois de concluído os estudos básicos, seu pai decidiu enviá-lo para o *Union College* em Schenectady, Nova York, em vez da escola de seu estado, em Columbia, Carolina do Sul. Apesar de conceituada, a reputação das tendências antirreligiosas do presidente da instituição levou William Wilson a enviar seu filho John, com muito sacrifício, à Nova York.

O tio de Wilson, Robert Wilson James, que era também pastor, foi bastante influente em sua vida e formação. Ele era uma liderança espiritual em seu sínodo e provavelmente o seu interesse na condição espiritual do seu povo teve um impacto no entusiasmo missionário de J. Leighton Wilson pelo continente africano.

Depois de formado em 1827, se tornou professor. Logo no seu primeiro ano, começou a se interessar por assuntos religiosos e resolveu deixar a docência e ir para o seminário. Estudou no

Theological Seminary em Columbia, onde despertou o interesse pela obra missionária estrangeira. No Natal de 1832, dedicou sua vida para a obra missionária com o desejo de ser enviado à África. Ele se apresentou à *American Board of Commissioners for Foreign Missions* (ABCFM),⁶ que aceitou a sua disposição e o enviou para o Oeste da África em uma viagem de reconhecimento com vistas ao futuro trabalho missionário. Depois de cinco meses na África, trouxe de volta um relatório à junta de missões, que, então, decidiu enviá-lo como missionário (TAYLOR, 1918, p. 3).

1.2 O MINISTÉRIO NA ÁFRICA

Após os preparativos e o seu casamento, em novembro de 1834 Wilson partiu com a esposa Jane Elizabeth Bayard Wilson para o Oeste da África, na atual Libéria. Depois de um mês chegaram ao destino e se instalaram em Cabo Palmas. Os primeiros meses e anos foram desafiadores não só pela adaptação à vida no continente africano e à interação com os habitantes locais como também por recorrente enfermidade. Devido as constantes febres, Wilson se tornou especialista em febre africana. Seu biógrafo conta,

[...] depois de estudar o assunto criteriosamente, e sua longa experiência e conhecimento prático o tornaram notavelmente bem-sucedido. Muitas vezes capitães de navios com tripulação enferma o procuravam por auxílio médico, uma vez que ele

⁶ A ABCFM foi uma das primeiras organizações missionárias cristãs dos EUA, fundada em 1810, e talvez a principal e maior organização missionária do século 19. Ela incluía membros de igrejas de tradição reformada, presbiteriana e congregacional.

ficou conhecido como alguém habilidoso em tratar os casos tão frequentes na costa africana (DUBOSE, 1895, p. 77).

Um dos motivos de apreensão no início foi da receptividade de seu trabalho. Havia ali uma colônia de americanos afrodescendentes por conta da iniciativa da *American Colonization Society* (ACS). Em 1816 um grupo de americanos brancos fundou a ACS para dar conta do crescente número de escravos libertos nos EUA. O objetivo era enviar os escravos libertos de volta para o continente africano. Essa colonização deu origem à República da Libéria em 1847 (“Milestones: 1830–1860 - Office of the Historian”, [s.d.]). Wilson tinha a preocupação que o seu esforço missionário não fosse visto como parte desse projeto colonizador, mas como interesse e preocupação com a educação das crianças dos nativos (DUBOSE, 1895, p. 67).

Depois de sete anos, Wilson resumiu assim o seu trabalho,

Uma igreja de 40 membros organizada, mais de cem jovens receberam educação, o desenvolvimento da escrita da língua *grebo*, uma gramática e dicionários da língua publicados, os Evangelhos de Mateus e João traduzidos e seis ou oito outros pequenos volumes publicados na língua nativa (DUBOSE, 1895, p. 83).

Apesar do êxito na obra missionária, os conflitos entre os nativos e os colonizadores eram constantes e por vezes o próprio Wilson foi impelido a intervir para apaziguar os ânimos e evitar mais graves consequências. Além disso, a febre que acometia em especial os recém-chegados fez com que metade dos missionários que eram

recebidos para auxiliar no trabalho morressem dentro de algumas semanas ou meses de terem tocado em solo africano (DUBOSE, 1895, p. 96). Por isso, fora as dificuldades naturais da obra missionária, o casal Wilson lidava constantemente com a perda de companheiros de ministério.

Por mais árduos que fossem os desafios no campo missionário, o casal Wilson tinha uma séria e sensível situação pessoal a resolver na sua terra natal. Ambos herdaram alguns escravos. A senhora Wilson tinha cerca de 30 escravos e o Rev. Wilson, dois. Antes de sua primeira viagem à África e antes de se casarem, Wilson recomendou que Jane concedesse liberdade aos seus escravos e os “colonizasse”, isto é, os enviasse para a África, desde que eles tivessem condições físicas, quisessem voluntariamente, e o lugar para onde quisessem ir fosse adequado. Assim, os escravos de Jane Wilson emigraram para a África e os dois escravos de John Wilson foram postos em liberdade em 1843.

No entanto, tudo isso criou um desgaste pessoal muito grande e comprometeu também a reputação da junta missionária. Ele era visto como inimigo pelos colonos. Os comerciantes ingleses o viam tentando estabelecer secretamente uma colônia em Gabão. As sociedades de colonização dos EUA achavam que ele conspirava contra elas. As pessoas do Sul dos EUA que o conheciam o consideravam um feroz abolicionista. E os abolicionistas do Norte o acusavam de ser um vil dono de escravo ou, como debochavam, um ladrão de homens (DUBOSE, 1895, p. 98-99).

Até que se resolvesse, isso lhe trouxe grande constrangimento e sofrimento. Apesar de ter custeado pessoalmente a migração dos escravos de sua esposa para a Libéria, o fato de ainda ser dono de um único escravo que não aceitou a liberdade, foi motivo de a Missão ser veementemente atacada pelos abolicionistas que viam em Wilson a sustentação da escravatura. Por causa disso, a Missão sofreu com perda de recursos e dificuldades de manter a obra missionária no exterior. Ainda assim, a Missão permaneceu leal a Wilson e o apoiou em seus esforços de resolver essa situação pessoal.

Wilson teria posteriormente mudado de ideia sobre a colonização de afrodescendentes na África. Percebendo os conflitos que causavam entre os imigrantes e os nativos, e as dificuldades que escravos livres tinham em se adaptarem em solo africano, Wilson entendeu que essa não seria a solução para os escravos libertos.

O envio do casal Wilson para a África tinha a intenção de ser também uma oportunidade de exploração do interior da África para futuros trabalhos missionários. Wilson foi a pessoa certa para esse trabalho pioneiro. Viajou extensamente, se familiarizou com diversos lugares e os portos da costa oeste da África, conhecia capitães dos navios, e se inteirou das relações comerciais entre Europa e África (DUBOSE, 1895, p. 106). Meio século mais tarde, depois da publicação da obra de Wilson, *Western Africa*, o famoso missionário David Livingstone fez a seguinte declaração sobre essa

obra, “o melhor livro jamais escrito sobre essa região da África” (TAYLOR, 1918, p. 5).

Depois de oito anos em Cabo Palmas e devido aos constantes conflitos entre os colonizadores – escravos americanos libertos – e os nativos, a situação se tornava cada vez mais insustentável uma vez que os nativos viam os missionários como colonizadores e os colonizadores não apoiavam o trabalho missionário.

Em 1842, Wilson se muda para Gabão. Sua esposa, por motivo de enfermidade, retorna aos EUA por alguns meses. Nos quatro anos seguintes ao longo de seu trabalho evangelístico, Wilson também produziu uma gramática na língua *mpongwe*, um hinário, alguns livretos de sermões e partes de textos bíblicos. Passados 12 anos na África, o casal volta aos EUA por um período de um ano do seu *furlough*.

De volta à África, novamente, se veem em meio a uma situação política conflituosa em Gabão devido aos interesses da França no território controlado pelos nativos. Num esforço de não serem vistos pelos nativos como apoiadores dos franceses e, ao mesmo tempo, não querendo incorrer em ameaças dos franceses, os missionários se esforçavam para manter relações cordiais com todos os envolvidos, ainda que se posicionando expressamente contrários a qualquer comércio de escravos.

Apesar de a Inglaterra ter abolido o comércio de escravos em 1807 e a escravatura em 1833, outras nações ainda promoviam a

escravidão, inclusive o Brasil. Wilson presenciava a exploração e comércio dos africanos na costa ocidental da África, apesar da presença do Esquadrão da África Ocidental, da Inglaterra. Importunado com essa situação, escreveu um panfleto sobre a situação apelando à sociedade britânica pelo fim imediato do comércio de escravos e continuação do Esquadrão na costa africana para impedir esse comércio. O seu texto foi enviado a um importante comerciante da Inglaterra que o fez chegar ao Lord Palmerston. Este, posteriormente, atestou ao fato de que os argumentos de Wilson foram decisivos na manutenção dos esforços da Inglaterra de inibir o comércio pela presença do Esquadrão na África.

Não obstante seu respeitável trabalho como missionário, linguista, tradutor e educador, Wilson também se destacou na África como um naturalista. Foi membro da *Royal Oriental Society* da Grã-Bretanha em cuja capacidade era frequentemente consultado sobre questões científicas. Em suas viagens na África era um constante observador da flora e fauna africana. Mencionava com frequência em suas cartas pessoais os animais selvagens que avistava. Ele é inclusive mencionado como o primeiro a chamar a atenção dos naturalistas dos EUA e da Inglaterra para a existência do gorila e ter levado o esqueleto completo de um gorila, capturado por seu pupilo Paul Du Chaillu, para o Museu de História Natural de Boston, EUA (DUBOSE, 1895, p. 177).

O casal foi sempre muito acolhedor dos enfermos, viajantes, necessitados, marinheiros, viúvas, órfãos. Qualquer um

era sempre bem recebido em seu lar. Protegiam os animais e defendiam o fim da escravidão. Poucos anos antes da morte de John L. Wilson, na Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, um delegado da Igreja Reformada Holandesa, que tinha sido missionário na Índia, contou do que ouviu na Índia de um oficial cristão da marinha britânica no leito da morte. O oficial falava de como se convertera. Em uma de suas viagens, aportou na costa da África e conheceu um missionário. Ele foi muito impactado por seu caráter, dedicação, acolhimento e a mensagem do evangelho. Entregou-se a Cristo e dedicou sua vida ao serviço cristão. Esse missionário, presente na Assembleia, era John L. Wilson, que juntamente com os demais ouvintes tomava conhecimento dessa história pela primeira vez (DUBOSE, 1895, p. 158).

Passados 18 anos na África, e por motivos de saúde, o casal retornou aos EUA em 1852. Enquanto convalescia, orientado por colegas, permaneceu na região de montanhas no Norte aguardando a reunião anual da Missão (*American Mission*) para depois visitar os seminários da igreja e, finalmente, retornar à sua terra e família na Carolina do Sul.

Durante esse período, foi eleito por seu presbitério delegado à Assembleia Geral da Igreja de 1853. Possivelmente, a primeira que participaria oficialmente desde sua ordenação.

1.3 ATUAÇÃO COMO SECRETÁRIO DE MISSÕES ESTRANGEIRAS

A Junta de Missões Estrangeiras (*The Board of Foreign Missions*) da Igreja Presbiteriana dos EUA (PCUSA) se reuniu durante a Assembleia Geral de 1853 e tendo em vista a expansão da obra missionária precisava de outro Secretário. Como John L. Wilson havia acabado de retornar da África e demonstrava muita experiência, foi escolhido terceiro secretário do *Board*. Permaneceu no cargo por oito anos, durante os quais desenvolveu importantes relações com as lideranças da igreja. Durante esses anos, a mesma hospitalidade e acolhida a visitantes e viajantes na África marcaram também o seu lar em Nova York.

A esposa de John Wilson, era prima do renomado teólogo e professor do Seminário de Princeton, Dr. Charles Hodge. Em sua função de Secretário da Missão, Wilson visitava Princeton com frequência com o objetivo de despertar o interesse dos alunos na obra missionária estrangeira. Sempre que podia visitava o Dr. Hodge, por isso desenvolveram forte amizade. O Dr. Hodge se referiu a Wilson como “o homem mais sábio da Igreja Presbiteriana e que tinha mais do espírito apostólico do que qualquer outro que eu conhecera”. Depois que Wilson deixou a Junta de Missões e se mudou para o Sul, Hodge, novamente, declarou, “O homem mais sábio dentre nós nos deixou” (DUBOSE, 1895, p. 242-243).

Mas os EUA estavam à beira de uma guerra civil. O estado da Carolina do Sul foi o primeiro a romper com a União em 20 de

dezembro de 1860 por questões envolvendo a escravidão. Wilson e os seus familiares eram desse estado. Reagindo a um artigo do Dr. Hodge sobre as questões correntes, Wilson defendeu a união dos estados, entretanto, sendo sulista, achava que o Norte devia ser mais compreensivo das causas do Sul. Isso provocou desavença entre esses amigos. Os conflitos nacionais e as diferenças de opiniões entre irmãos próximos na igreja levaram Wilson a deixar o cargo de Secretário e, posteriormente, mudar-se para o Sul.

A questão de Wilson não era que defendesse a escravidão. Ele mesmo tinha feito tudo que esteve ao seu alcance para impedi-la quando viveu na África. Mas ele vivia no Norte e presenciava o espírito e visão do povo do Norte a respeito do Sul assim como os planos de esmagar toda revolta do Sul. Embora pareça que Wilson se posicionasse de modo contrário ao que sempre defendeu na África, penso que a mesma sensibilidade que o moveu ao abolicionismo o movia agora também. Foi sensível a um povo injustiçado e oprimido como os escravos, do mesmo modo como se sensibilizou por seus conterrâneos do Sul. Ao se despedir de um dos influentes pastores do Norte, declarou, “peço a Deus que afaste a tempestade e nos livre das mãos de uma guerra civil; mas se vier, estou decidido, irei e sofrerei com o meu povo”. Wilson não estava determinado a lutar pela causa do Sul, antes, estava decidido a sofrer com o seu povo. Em uma de suas correspondências ao Dr. Charles Hodge, Wilson escreve “Por muitos anos sempre estive atento com

interesse às disputas entre o Norte e o Sul, e sempre me simpatizei com o Sul como a parte prejudicada” (DUBOSE, 1895, p. 245, 247).

Perplexo, o Dr. Hodge escreveu:

A sua carta me enche de desespero. Como um homem tão sábio, gentil, tão bom como você, alguém a quem eu honestamente considero um dos melhores homens que já conheci, poderia evidentemente aprovar o que eu chamo de graves crimes e desaprovar o que eu considero os princípios mais claros da verdade e da justiça, abandonando toda confiança nas convicções humanas. Nunca senti anteriormente que as opiniões não eram pensamentos, mas sentimentos [...] A diferença está no meio pelo qual enxergamos a mesma verdade, e a ênfase que a damos nas circunstâncias atuais [...] Se nós, que amamos um ao outro e sinceramente desejamos que a verdade e a justiça prevaleçam, temos opiniões tão diferentes, imagine o que será dos que não desfrutaram dessa união, ou que são movidos por sentimentos de inimizade mútua! (DUBOSE, 1895, p. 244).

A troca de correspondência entre os dois foi até janeiro de 1861. Logo em seguida, Wilson se despede da Assembleia Geral da PCUSA com grande pesar. Provavelmente não houve alguém que mais sentiu a dor disso do que o próprio Dr. Charles Hodge (DUBOSE, 1895, p. 246).

O Dr. Robert L. Dabney, professor do *Union Theological Seminary*, na Virginia, também amigo próximo e que foi influente na decisão da Junta de Missões de enviar Simonton ao Brasil, ficou igualmente espantado com a decisão de Wilson em ir para o Sul e não entendia a sua posição, porém, pareceu mais sensível. Depois de uma visita de Wilson em dezembro de 1860, Dabney escreve,

Eis aí um cidadão sério, consciencioso, e esclarecido, um homem piedoso e moderado, cujo lar e meio de vida são o Norte. Enquanto eu estou recluso no meu escritório, ele está viajando extensamente entre as duas regiões e atestou aos sentimentos de ambas. Ele não é um político negociador a serviço de seus fins eleitores, ele sente e julga com o temor de Deus. Então, se este homem abre mão da União debaixo da atual administração, de fato, não há esperança de evitar um cisma (DUBOSE, 1895, p. 248-249).

Wilson deixou o Norte e foi para a Carolina do Sul sem uma residência, emprego ou salário. Apesar de suas boas relações com as pessoas no Norte, o seu patriotismo falou mais alto. Permaneceu em uma casa rural durante os quatro anos da guerra civil.

A Igreja Presbiteriana (PCUSA) procurou manter a união por meio de uma declaração na Assembleia Geral de 1861 em que afirmava sua lealdade à Federação dos EUA. Entretanto, isso colocava os presbitérios do Sul em situação sensível. Por isso, 47 presbitérios deixaram a Igreja e formaram a sua Assembleia Geral em dezembro de 1861.

Logo Dr. Wilson foi designado para visitar os trabalhos missionários indígenas nos EUA e foi nomeado secretário do Comitê de Missões. Sua atividade inicial foi buscar o apoio das igrejas e presbitérios para o trabalho de capelania das forças combatentes.

A guerra terminou em 1865, mas os efeitos e consequências ainda perduravam. Havia muita pobreza e dificuldades. Muitos pastores foram obrigados a se ocuparem com outras atividades para o seu sustento. Muitas perdas de vidas, muitas comunidades se espalharam, igrejas destruídas e a desorganização eclesiástica

afetavam o desenvolvimento da igreja. Ainda assim, a igreja encontrou disposição para iniciar projetos missionários. A Assembleia Geral da PCUS de 1865 o encarregou de “restaurar nossas aleijadas e destruídas igrejas [...] Em muitos lugares o nosso povo está não só sem local para adoração como também sem um pastor para partir com eles o pão da vida” (DUBOSE, 1895, p. 259).

Seu biógrafo descreve os anos de Wilson como Secretário de Missões Estrangeiras na Igreja do Sul como “a parte mais importante da vida de Wilson” (DUBOSE, 1895, p. 264).

Sobre esse período, o Dr. Robert L. Dabney também registra:

Sempre me pareceu uma esplêndida evidência da fé e coragem de nossa Assembleia do Sul ter sentido capaz ou responsável por algum trabalho missionário estrangeiro em meio ao terrível abatimento de seu país, a desorganização de suas igrejas, e em meio à ruína doméstica e financeira que estava espalhada por toda volta. Seria muito natural terem se justificado dizendo que não deviam servir os pagãos e tinham direito de reservar todos os seus recursos e esforços para o árduo trabalho doméstico. [...] Essa corajosa ação foi sem dúvida alguma, **em grande parte, devido ao espírito e ensinamentos do Dr. Wilson. Até hoje a igreja sente a sacra influência do Dr. John Leighton Wilson em sua obra missionária.** Sua maravilhosa força e progresso são em grande parte o resultado dos ensinamentos dele, sua constante energia e planos de um estadista (DUBOSE, 1895, p. 264. Ênfase nossa).

De oito formandos da turma de 1868 do *Union Theological Seminary* em Virginia, cinco se voluntariaram para o trabalho missionário estrangeiro. Três foram enviados para China e dois, para

o Brasil. E isso apenas três anos depois do fim da guerra. Ao se referir aos missionários enviados ao Brasil, o biógrafo declara:

Dois dessa turma foram enviados ao Brasil e fundaram o que cresceu para ser uma das missões mais importantes que o movimento apostólico moderno conheceu. Uma pena que o consagrado Edward Lane, ceifado no auge da vida por aquele horrível flagelo, a febre amarela, não pode enriquecer estas páginas **com uma descrição vívida do que o Dr. Wilson fez para os Estados Unidos da América do Sul** (DUBOSE, 1895, p. 266. Ênfase nossa).

Além do Brasil e China, a igreja também enviou missionários para Itália, México e Grécia, em grande parte pelo plano e empenho de Wilson em despertar pessoas e levantar os recursos necessários. O seu papel como Secretário da Junta de Missões Estrangeiras da PCUSA e, posteriormente, do Comitê Executivo para Missões Estrangeiras da PCUS foi decisivo não só para a obra missionária dessas igrejas, mas, particularmente, para a implantação do presbiterianismo no Brasil.

2. RELAÇÃO COM O BRASIL

Foi justamente durante esses anos de serviço como um dos secretários da Junta de Missões da PCUSA que Ashbel Green Simonton foi enviado ao Brasil. DuBose registra que um dos acontecimentos mais importantes do período foi o estabelecimento da Missão no Brasil (DUBOSE, 1895, p. 238).

Simonton registra em seu *Diário*:

Por mais de um ano tenho tido em mente a possibilidade de trabalhar como missionário. Quando a ideia surgiu pela primeira vez, resolvi pensar seriamente em oração, e adiar a decisão até perto de final do curso. Como este final está chegando, a questão pesa cada vez mais sobre mim e, se fosse possível, gostaria de vê-la decidida [...] **O dr. Wilson (da Junta de Missões Estrangeiras) esteve em meu quarto hoje** e, conversando sobre missões, dei-lhe fortes razões para crer que logo oferecerei formalmente os meus serviços à Junta [...] Meus sentimentos a respeito deste trabalho já são menos inquietos agora do que quando a decisão estava longe. Não que depende de mim, estou pronto para partir; e sinto, mais do que nunca, ser este o caminho de meu dever (SIMONTON, 2002 [1857], p. 109-110. Ênfase nossa).

Matos aponta também à influência do teólogo Charles Hodge, professor de teologia do Seminário de Princeton, onde Simonton estudava, na decisão de Simonton vir ao Brasil como missionário. Ele menciona, ainda que brevemente, a entrevista de Simonton com o “Dr. John Leighton Wilson, um dos secretários da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana” (MATOS, 2004, p. 24). E, de acordo com J. Aspinwall Hodge, foi J. Leighton Wilson quem persuadiu Simonton a vir ao Brasil. Aparentemente, Simonton desejava inicialmente ir à Bolívia (HODGE, 1889).

Simonton se apresentou à Junta pedindo para ser enviado ao Brasil. Mas, até então, a atuação missionária da igreja se concentrava apenas em nações “pagãs”. Essa era a primeira proposta de um trabalho em terras em que predominava a religião católica romana. Por causa disso, a maioria dos membros da Junta foi contrária ao envio de missionários para o Brasil. Wilson, porém,

defendeu a abertura da obra missionária no Brasil e considerou o entusiasmo do jovem Simonton e sua paixão pela evangelização uma direção da Providência divina.

A sensibilidade e interesse de Wilson se justificavam também por uma sugestão do Rev. Robert L. Dabney,⁷ importante líder e teólogo presbiteriano. Dabney propunha uma estratégia missionária para as nações papistas das Américas, devido à proximidade comercial e cultural com essas nações. Também argumentou que o envio de missionários às nações católicas se justificava pelo próprio exemplo dos apóstolos que partiram de Jerusalém para anunciar o evangelho entre os judeus da dispersão (DUBOSE, 1895, p. 238-239).

A Junta concordou com os argumentos, desde que se estabelecesse uma “pequena missão” em solo brasileiro. Mas, conforme registrado por seu biógrafo em 1895, essa missão não permaneceu pequena. Em pouco tempo “os presbiterianos tinham diversas igrejas, escolas bem estabelecidas, uma literatura religiosa, um seminário teológico e um sínodo organizado. **A inauguração dessa obra foi um dos resultados da administração do Dr. Wilson**” (DUBOSE, 1895, p. 239. Ênfase nossa).

⁷ Ribeiro considera que Wilson foi quem primeiro idealizou a missão presbiteriana ao Brasil: “Creio que o primeiro a designar a missão evangélica no Brasil como Reforma, foi J. L. Wilson, que para aqui enviou Simonton, Blackford e Schneider e, dividido o presbiterianismo norte-americano, os primeiros pregadores da Igreja do Sul” (RIBEIRO, 1987, p. 3). Porém, como se verifica, Robert Dabney foi o principal idealizador da missão no Brasil, com quem Wilson assentiu.

O próprio Robert L. Dabney fala de sua amizade com Wilson ao longo dos anos e de como procurou persuadir Wilson a enviar missionários para a América Latina. Na ocasião, Wilson era um dos secretários da Junta da PCUSA, e a Missão estava mais voltada ao envio de missionários para a Ásia. Dabney argumentava que devido às dificuldades do trabalho em nações pagãs, era melhor buscar lugares onde fosse possível obter melhores resultados. Dabney então sugeriu o Brasil em função do governo estável e liberal de Dom Pedro, e pelo que notava sobre o êxito do trabalho do Dr. Kalley no Rio de Janeiro. Mas era preciso convencer também o Comitê. Dabney conta que,

Dr. Wilson logo consentiu com as minhas opiniões e insistiu com o Comitê, mas, inicialmente, foi pouco encorajado. Eles não viam nada além do ultra paganismo. Ele contou que depois de muita pertinácia, eles concordaram em ele estabelecer nossa Missão no Brasil (**The Missionary**, Vol. 27, n. 1, Jan. 1894, p. 358-359; 457-458).

Como já notado, depois que mudou para o Sul dos EUA e foi nomeado Secretário do Comitê Executivo para Missões Estrangeiras da PCUS, Wilson recrutou alguns formandos para o campo missionário. Dos oito formandos da primeira turma do *Union Theological Seminary*, na Virginia, cinco se dedicaram à obra missionária. Dois deles, Edward Lane e George N. Morton foram os primeiros missionários da PCUS a serem enviados ao Brasil.

Para o preparo do envio desses missionários, Wilson enviou George N. Morton para visitar o Brasil com vistas ao futuro trabalho

da PCUS no Brasil. Em seu retorno, George N. Morton escreveu um relatório ao Comitê Executivo para Missões Estrangeiras em que, dentre outras coisas, reconhece o papel e esforço de Wilson no envio de Simonton ao Brasil:

Em 1859, a Igreja Presbiteriana da Velha Escola, constrangida por sua [de J. L. Wilson] defesa ao campo missionário, enviou o Rev. Ashbell G. Simonton como missionário ao Sul do Brasil. Ele foi posteriormente auxiliado pelo Rev. A. L. Blackford. Essa missão tem sido notavelmente bem-sucedida. Atualmente, possui sete ministros e quatro prósperas igrejas. Quatro jovens brasileiros convertidos estão agora seguindo os seus estudos no Rio com a visão de entrar para a obra do ministério. Há uma média de 150 pessoas frequentando o culto sagrado no Rio; na cidade de São Paulo, 30 ou 40; em Brotas, 100 pessoas, e em Lorena, 80. Grande parte dos que frequentam é membro da igreja. Um dos membros mais ativos da Missão é o Rev. J. M. de Conceição, um sacerdote católico convertido. Se diz que foi reconhecido como um dos mais eloquentes sacerdotes no Brasil (**The Missionary**, Vol. 2, Feb. 1869, p. 19-26).

O próprio Robert L. Dabney foi grande entusiasta da obra missionária em Campinas e apoiava grandemente as iniciativas de Wilson.

Ele [Dabney] amava esses dois primeiros missionários, e particularmente o Sr. Lane. Com ele manteve uma constante correspondência; se ocupou em ajudar levantar fundos especiais para a Escola de Campinas; pregava nas igrejas em busca de levantar os recursos; incentivou outros a fazerem o mesmo (**The Missionary**, Vol. 27, n. 1, Jan. 1894, p. 358-359; 457-458).

E o sobrinho de Robert L. Dabney, o Rev. John Dabney também foi missionário em Campinas, onde viveu até ser acometido por uma das epidemias de febre amarela da cidade, vir a falecer e ser ali sepultado.

Anos mais tarde, John Leighton Wilson vem ao Brasil visitar o campo missionário. Sobre essa visita o Rev. Edward Lane escreve em 20 de fevereiro de 1875 uma carta em que, entre outras coisas, diz:

O principal acontecimento dos últimos meses foi a visita do Dr. Wilson. Sua vinda, presença e conselhos foram uma imensa alegria e bênção para todos nós. É muito comum que os primeiros a semear o evangelho em um solo árido e estrangeiro não cheguem a ver muito dos resultados do seu crescimento. Portanto, foi uma ocasião de interesse peculiar para o **Dr. Wilson, quem 15 anos atrás foi decisivamente instrumental no envio ao Brasil dos seus primeiros missionários**, agora poder contemplar com seus próprios olhos o que o Senhor fez, e está fazendo para o povo dessa maravilhosa terra (*The Missionary*, Vol. 08, May, 1875, p. 106-107. Ênfase nossa).

No seu próprio relatório da visita ao Brasil para a Assembleia Geral da PCUS, Wilson conta ter passado quatro semanas em Campinas, uma semana em São Paulo, duas semanas no Rio de Janeiro e arredores, além de visitar Pernambuco, Bahia e Pará. Visitou não só os missionários da PCUS, mas também os da PCUSA em São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse relatório ele faz uma extensa análise das condições sociais, políticas, religiosas, intelectuais e geográficas dos lugares que visitou, buscando mostrar

a importância da obra missionária no Brasil. Ainda que sua visita possa ser considerada parte de sua atribuição formal como Secretário, o relatório evidencia o seu entusiasmo com o trabalho evangelístico e educacional que os missionários realizavam.

Destaca-se ainda em seu relatório um momento emotivo da visita quando registra sua visita ao túmulo de Simonton:

Chegamos a São Paulo em torno das 6 horas da tarde [... do dia] 11 de janeiro de 1875 e encontramos o Rev. Dr. Chamberlain, da Junta do Norte, esperando para me levar à sua casa [...] Na manhã seguinte, o Rev. Chamberlain me levou para ver diversos lugares de interesse. Nenhum deles foi mais interessante para mim do que o túmulo de Ashbel Green Simonton [...] Vi também o quarto onde ele morreu (*The Missionary*, Vol. 8, April 1875, p. 84-86).

É natural que o Secretário do Comitê de Missões, John Leighton Wilson, se empenhasse pessoalmente no acompanhamento do trabalho missionário de todos os campos mantidos pela Igreja. Mas o que chama a atenção no caso do Brasil é o seu empenho pessoal no envio tanto de Simonton da PCUSA quanto de Edward Lane e George N. Morton da PCUS, além de outros que seguiram esses pioneiros.

3. A INFLUÊNCIA DE J. L. WILSON NA OBRA MISSIONÁRIA NO BRASIL

Além do envolvimento pessoal de Wilson no recrutamento dos primeiros missionários ao Brasil e do seu acompanhamento da obra missionária, há dois outros aspectos dignos de nota que

demonstram a contribuição, se não direta, pelo menos indireta de Wilson para a obra missionária no Brasil.

O primeiro aspecto diz respeito à instalação e manutenção da obra educacional dos missionários no Brasil. Em pouco tempo os missionários presbiterianos tanto da PCUSA quanto da PCUS iniciaram escolas. George W. Chamberlain em São Paulo, e Edward Lane e George N. Morton em Campinas. Mas a instalação e manutenção da obra educacional não era um consenso entre as organizações missionárias.

No relatório sobre sua visita ao Brasil em 1875, J. Leighton Wilson manifesta seu apreço pelo trabalho que estava sendo realizado em apenas sete anos da missão em Campinas e aponta para a dedicação dos missionários na construção da escola em Campinas (Colégio Internacional). Isso chamou muita atenção do Secretário que, de certo modo, justifica perante a Assembleia Geral a necessidade desse trabalho.

Segundo o próprio Wilson, em seu relatório, a questão sobre o lugar da educação na obra missionária tinha se tornado “uma grande perplexidade até para os que tinham extensa experiência em sua administração. Os próprios missionários estão longe de ter consenso sobre o assunto” (**The Missionary**, Vol. 8, Jul. 1875, p. 152-161). Ele explica:

A história de algumas missões mostra que atenção demasiada é dada à educação das crianças, tornando-as dependentes da educação como o principal meio de alcançar e influenciar a população adulta. Em outras, por outro lado, negligenciam a educação, deixando a

igreja, quando estabelecida, sem a necessária agência de sua expansão (**The Missionary**, Vol. 8, Jul. 1875, p. 152-161).

Wilson mostra que a experiência acumulada das organizações missionárias parece ter estabelecido um ou dois princípios gerais para a obra educacional. O primeiro estabelece que não se deve colocar demasiada dependência nas escolas como agência de evangelização, pelo contrário, as escolas devem estar subordinadas a uma agência dedicada ao trabalho evangelístico com vistas à edificação e extensão do reino de Deus. O outro princípio, que, segundo Wilson, parece ser o mais adotado de modo geral, estabelece que instituições de ensino superior não devam ser fundadas até que as comunidades onde se encontrem sejam pelo menos parcialmente influenciadas pelo evangelho. O motivo disso é que

Primeiro, a educação sem o elemento religioso, ou com muito pouco dele, especialmente em países não evangelizados, está sujeita a servir tanto a causa da infidelidade quanto a do cristianismo, se não, mais. Segundo, [...] é que quando as pessoas estão debaixo da força da religião elas serão mais capazes de apreciar sua [da educação] importância e estarão mais preparadas para suportar o principal peso de seu sustento (**The Missionary**, Vol. 8, Jul. 1875, p. 152-161).

Apesar dessa problemática, Wilson recomenda pessoalmente a manutenção da obra educacional em Campinas e diz que apesar dessa obra ter iniciado precocemente no trabalho da Missão ali, “o Instituto de Campinas [Colégio Internacional] é uma

exceção à regra geral enunciada acima”. As circunstâncias tornaram essa obra não só oportuna quanto necessária (**The Missionary**, Vol. 8, Jul. 1875, p. 152-161).

É difícil mensurar o impacto desse relatório nas ações subsequentes da igreja nos EUA. Entretanto, é sabido que o Colégio foi construído em propriedade adquirida pela Missão e não fosse as sucessivas epidemias de febre amarela em Campinas, teria continuado. Na realidade, apesar de interrompido em Campinas, o projeto educacional teve sua continuidade em Lavras, MG.

Mas talvez a influência de Wilson nessa área seja mais nitidamente perceptível pelos fatos que se sucederam anos mais tarde quando o Secretário que o substituiu manifestava outra opinião e entendimento sobre o trabalho educacional.

Wilson deixou o cargo de Secretário em 1884 e foi substituído pelo Rev. M. H. Houston, nomeado pela Assembleia Geral da PCUS. O Rev. Houston visitou o Brasil e a cidade de Campinas em janeiro de 1893. No relatório de sua visita manifestou sua discórdia do trabalho educacional dos missionários. Nessa época, George N. Morton já tinha deixado o Colégio em Campinas e a Missão (1879); Edward Lane tinha falecido em 1892; e o Rev. Samuel Rhea Gammon estava desde 1890 na diretoria do Colégio e preparava a mudança do Colégio para Lavras.

Em seu relatório e num artigo intitulado “College”, o Secretário manifestava sua contrariedade à manutenção da obra educacional alegando que isso dispendia muito tempo, esforço e

recursos da Missão e dos missionários, e empobrecia o trabalho evangelístico da Missão. Uma troca de correspondências entre o Rev. Gammon e o Secretário foram publicadas no **The Missionary** nos primeiros meses de 1893. Gammon defende a importância e os benefícios das escolas com três argumentos.

O primeiro argumento é que as escolas servem como um meio de “fermentar” as agências de propagação do evangelho. Ele quer dizer com isso que as escolas possibilitavam que os missionários fossem aceitos e respeitados na sociedade como educadores e abriam caminho para a pregação do evangelho. Argumentava ainda que o êxito da evangelização no Brasil era mais marcadamente reconhecido onde havia escolas da Missão.

Segundo, as escolas permitiam que a Bíblia fosse ensinada aos jovens e que, eventualmente, os professores fossem recebidos em seus lares. Além disso, os jovens estariam estudando a Bíblia diariamente.

Terceiro, as escolas eram necessárias para formar os nativos para a educação cristã, pois a Missão não teria condições de suprir missionários em quantidade suficiente para cuidar da educação cristã. Além disso, colocava-se em prática o axioma de que os brasileiros deviam evangelizar os brasileiros (**The Missionary**, Vol. 26, Fev. 1893, p. 74-76; No. 2).

A resposta vem logo em seguida, no próximo número do **The Missionary**. O Secretário, Rev. Houston, discorda veementemente dos métodos de Gammon e alega que o trabalho da

Missão não tem obtido maiores resultados onde havia escolas, pelo contrário, nesses lugares o trabalho estava mais enfraquecido (**The Missionary**, Vol. 26, Mar 1893, p. 91-93).

Apesar disso, a Missão no Brasil continuou investindo na obra educacional e o Rev. Gammon conseguiu dar continuidade ao projeto do Colégio Internacional em Lavras, no Colégio que posteriormente veio a ser nominado Instituto Gammon.

Entretanto, a questão educacional não foi completamente resolvida. Quase duas décadas mais tarde ainda havia divergência entre as organizações missionárias, os missionários e a liderança de pastores brasileiros a respeito do papel das escolas na obra missionária.⁸ Como bem coloca Julio A. Ferreira “[...] o que havia no Brasil era luta de duas concepções: uma delas poderia chamar-se a da evangelização direta e outra a da evangelização indireta”, e explica,

Por evangelização direta estamos entendendo ação do missionário junto aos pecadores na difusão da Bíblia, na explicação da mesma seja onde for. Por evangelização indireta, estamos entendendo o gasto do dinheiro da missão em obras sociais, em colégios por exemplo, onde há cultos regulamentares, mas a liberdade de consciência a ser garantida não pode fazer com que a ação evangelística vá além da influência espiritual dos mestres quando são estes cristãos” (FERREIRA, 1959a, p. 299, 300).

⁸ Há de se investigar mais profundamente o quanto a visão do Secretário Rev. M. H. Houston influenciou a posição de alguns desses líderes nessa ocasião.

Isso ensejou o que veio a ser conhecido como “Moção Smith”, um contra-protesto de diversos pastores e missionários no Sínodo de 1897, liderados por J. Rockwell Smith, ao protesto de Chamberlain, Lenington e outros a uma decisão do Sínodo que intentava retirar o auxílio das igrejas norte-americanas às escolas (FERREIRA, 1959a, p. 299, 301). Essa divisão não se limitou a opiniões de estratégias missionárias, mas veio a ser um dos fatores do cisma de 1903.

Esses fatos salientam ainda mais a contribuição e influência de Wilson, tanto quanto de Robert L. Dabney, na manutenção da obra educacional no Brasil. Enquanto Secretário, Wilson apoiou efusivamente a obra educacional que se iniciava no Brasil.

Dr. Wilson era favorável às escolas da missão como auxiliares à pregação do evangelho e durante a sua administração “as sustentou e promoveu.” Certa vez disse, “A missão que negligenciar escolas será deixada à deriva.” Apesar de incentivar o ensino, insistia que se desse maior proeminência à pregação do evangelho (DUBOSE, 1895, p. 272).

Wilson não via a questão como alternativas excludentes, mas como ações conjugadas para a propagação do evangelho. Não entendia que a Missão devia escolher entre uma abordagem ou outra.

O segundo aspecto da contribuição particular de Wilson para a Missão no Brasil diz respeito à formação do Sínodo em 1888 com a união de presbitérios estabelecidos pelas igrejas do Norte e do Sul dos EUA. Wilson não estava presente, pois já havia falecido em

1886, porém, fatos que antecederam a formação do Sínodo foram decisivos no êxito de seu estabelecimento.

É sabido que o Sínodo foi formado pelos presbitérios que tinham sido instalados pelas igrejas PCUSA e PCUS. O Presbitério do Rio de Janeiro estava ligado à PCUSA (Sínodo de Baltimore) e o Presbitério de Campinas e Oeste de Minas (antigo São Paulo) e o Presbitério de Pernambuco estavam ligados ao trabalho dos missionários da PCUS. Assim, embora divididas nos EUA, as igrejas presbiterianas se uniram para a formação do Sínodo em 1888, mesmo porque os seus respectivos missionários já tinham relações amistosas no país.

É de se admirar que os missionários que representavam denominações divididas por questões políticas em sua terra de origem cooperassem na obra missionária em solo brasileiro. Isso pode ser atribuído diretamente à atuação de Wilson como Secretário.

De acordo com o seu biógrafo DuBose (1895, p. 282), dois tópicos frequentemente abordado por Wilson em seus escritos e trabalho editorial de *The Missionary* eram os esforços de independência da igreja nativa do controle de jurisdições europeias e americanas, e a “união de órgãos presbiterianos trabalhando no mesmo campo missionário estrangeiro”. Até onde DuBose soubesse, Wilson “foi o primeiro a defender publicamente essa medida, e o seu documento, lido perante o *Pan-Presbyterian Council* em 1880, foi a primeira apresentação formal sobre o assunto. Isso produziu frutos

na formação de igrejas presbiterianas nacionais em diversos campos estrangeiros”.

As igrejas presbiterianas dos EUA também participaram da formação da *Alliance of Reformed Churches holding the Presbyterian System*, uma organização de cooperação de igrejas presbiterianas e reformadas formada em 1877. Uma das primeiras deliberações da *Alliance* foi nomear um comitê para analisar o trabalho missionário das diversas igrejas associadas dada a necessidade da cooperação entre elas.

O assunto foi criteriosamente discutido por meio de documentos preparados para o Concílio e “apresentados pelos Secretários veteranos sêniores das Juntas de Missões Estrangeiras das Igrejas Presbiterianas, do Norte e do Sul, o Rev. Dr. J. C. Lowrie e J. Leighton Wilson” (TAYLOR, 1887, p. 395). Os primeiros documentos e debates embasaram discussões posteriores. Ainda que Wilson não tivesse continuado em seu posto de Secretário, não é difícil concluir que as deliberações da *Alliance* foram direta e indiretamente fomentadas por sua visão.

Em 1885 (Wilson deixara o Comitê da PCUS em 1884), a *Alliance* enviou correspondências a todas as juntas missionárias das igrejas associadas sobre a questão da cooperação das igrejas nos campos missionários. A resposta das diversas igrejas demonstra certa convergência de posições, o que sugere uma influência dos Secretários que redigiram os documentos iniciais.

Outra evidência da influência de Wilson foi a resposta da própria PCUS para a *Alliance*. Em sua resposta, a Assembleia Geral da PCUS de 1886 aprovou unanimemente a minuta e declarava que

a posição de nossa Igreja está claramente demarcada, e suas sugestões práticas foram enfaticamente apresentadas com respeito a essa questão **através das expressões de seus Secretários na comunicação com a *Alliance of Reformed Churches holding the Presbyterian System* (TAYLOR, 1887, p. 399. Ênfase nossa).**

Basicamente a Assembleia Geral sustentou que:

Deve ser o objetivo de missionários presbiterianos que haja uma única Igreja Presbiteriana na China, **uma única Igreja Presbiteriana no Brasil** e assim em todos os campos missionários (TAYLOR, 1887, p. 399. Ênfase nossa).

Na mesma resolução, o documento sugere dois métodos possíveis para a instalação de uma igreja nacional. O primeiro, adotado pela igreja no Japão, consistia em reunir em um mesmo Sínodo todos os presbitérios nacionais e estrangeiros das igrejas presbiterianas e reformadas presentes no país. O segundo, consistia em formar um Sínodo apenas dos presbitérios nacionais deixando os presbitérios estrangeiros ligados às suas respectivas igrejas no exterior e tendo uma relação apenas consultiva com os nacionais. Apesar da PCUS não se comprometer com um único desses métodos, a visão prevaiente da igreja era seguir o segundo método (TAYLOR, 1887, p. 400).

Embora a Assembleia Geral do Norte, a PCUSA, tenha manifestado semelhante compreensão, não há nessa decisão uma declaração explícita à situação do Brasil (TAYLOR, 1887, p. 400). Mais uma vez, isso pode muito bem sugerir a influência particular de Wilson, apesar de já ter se afastado oficialmente da Missão.

A organização do Sínodo no Brasil em 1888 reflete a compreensão da *Alliance*. O Sínodo une os presbitérios instalados pela igreja do Norte e pelos da igreja do Sul em um único Sínodo, e incorpora o Presbitério do Rio, que estava ligado ao Sínodo de Baltimore, nos EUA, à igreja nacional.

Naturalmente que isso não sela definitivamente todas as diferenças de posições dos missionários. Algumas questões que a igreja enfrentou nas décadas seguintes traziam ora traços de questões pessoais, ora de nacionalismo, e ora de diferenças entre o Norte e Sul dos EUA que acabavam contaminando as relações da igreja nacional.

A experiência de J. Leighton Wilson como missionário na África, seu serviço como Secretário de missões e seu envolvimento e acompanhamento pessoal do campo missionário, certamente, contribuíram grandemente para o êxito dos missionários no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa breve exposição biográfica de John Leighton Wilson procuro mostrar a singular contribuição de um mesmo homem nas duas iniciativas pioneiras das Igrejas Presbiterianas dos EUA por meio do envio dos missionários Ashbel Green Simonton em 1859, e

Edward Lane e George N. Morton em 1869. Contudo, sua contribuição extrapola o seu papel formal de Secretário das respectivas juntas missionárias para fornecer evidências de sua influência pessoal nos afazeres dos primeiros missionários em solo brasileiro.

Ainda que frequentemente citado na literatura da história da IPB, sugiro que esse personagem seja mais profundamente investigado e estudado quanto à sua efetiva direção nos rumos das missões presbiterianas até a formação do Sínodo em 1888.

É evidente que toda obra missionária depende de diversos fatores, condições e as qualidades pessoais dos principais atores de todo o processo. Dificilmente se pode firmar um único fator ou personalidade como decisiva para todo o sucesso de um empreendimento missionário. Contudo, a liderança, experiência missionária, visão administrativa e eclesiástica de um indivíduo, comumente, é um fator significativo no desenvolvimento da obra missionária. John Leighton Wilson, reconhecido por seus contemporâneos como o Dr. Charles Hodge e Dr Robert Dabney, foi um protagonista do maravilhoso enredo da implantação do presbiterianismo no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOLD, F. L. **Uma longa jornada missionária**. S. Paulo: Cultura Cristã, 2012.

DUBOSE, H. C. **Memoirs of Rev. John Leighton Wilson**. Richmond, VA: Presbyterian Committee of Publication, 1895.

FERREIRA, J. A. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil. Vol. I**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959b.

HODGE, J. A. VII. Historical Note. The organization of the Synod of Brazil. **The Presbyterian Review**, vol. 37, 1889.

MATOS, A. S. **Os Pioneiros: Presbiterianismo do Brasil (1859-1900)**. S. Paulo: Cultura Cristã, 2004.

Milestones: 1830–1860 - Office of the Historian. Disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1830-1860/liberia>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

Presbyterian Church in the US. **The Missionary**, vol. 2, 1869.

Presbyterian Church in the US. **The Missionary**, vol. 8, 1875.

Presbyterian Church in the US. **The Missionary**, vol. 21, 1888.

Presbyterian Church in the US. **The Missionary**, vol. 26, 1893.

Presbyterian Church in the US. **The Missionary**, vol. 27, 1894.

RIBEIRO, B. **A Igreja Presbiteriana no Brasil da Autonomia ao Cisma**. S. Paulo: Livraria O Semeador, 1987.

SIMONTON, A. G. **O Diário de Simonton**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

TAYLOR, W. C. **John Leighton Wilson: One of Union's Greastes Missionaries.** Nashville, TN: Presbyterian Church of the United States, 1918.

TAYLOR, W. J. R. Union and Co-operation in Foreign Missions. In: **The Presbyterian Review.** [s.l.: s.n.]. vol. 31.

WILSON, J. L. **Western Africa Its History, Condition, and Prospects. Enhanced Reader.** Nova York: Harper & Brothers, 1856.

ABSTRACT

The establishment of the Presbyterianism in Brazil is usually treated as a result of the initiative of the Presbyterian Church of the United States of America (PCUSA) with the arrival of Ashbel Green Simonton in 1859 and, ten years later, by the initiative of the Presbyterian Church of the United States (PCUS) with the arrival of Edward Lane and George N. Morton in 1869. However, little is said about the same man who was behind both initiatives: the Rev. John Leighton Wilson. The purpose of this article is to know who John Leighton Wilson was, to emphasize his contribution and enthusiasm for missionary work, particularly in Brazil, and to argue that the historiography of the IPB needs to value Wilson's biography and contribution to the first decades of Presbyterianism in Brazil.

KEYWORDS

Mission; Presbyterian Church of Brazil; Church history